

"Gaudete et Exsultate" - Nova exortação apostólica do Papa Francisco

Hoje foi apresentada no Vaticano a Exortação Apostólica "Gaudete et Exsultate", que o Papa Francisco escreveu para "fazer ressoar mais uma vez o chamado à santidade", indicando "os seus riscos, desafios e oportunidades".

09/04/2018

O texto completo da Exortação Apostólica publicado no site do Vaticano. Oferecemos a seguir um resumo que explica os principais temas tratados pelo Papa Francisco nesta exortação.

A exortação Apostólica “Gaudete et exultate”, sobre o "chamado à santidade no mundo contemporâneo" é um documento de cinco capítulos e 177 parágrafos que nos convida a ser santos hoje. O Papa explica que a santidade não é uma chamada para poucos, mas um caminho para todos. “O Senhor pede tudo e, em troca, oferece a vida verdadeira, a felicidade para a qual fomos criados. Quer que sejamos santos e espera que não nos resignemos com uma vida medíocre, superficial e indecisa”.

A “classe média” da santidade

No primeiro capítulo, o Papa convida: “não pensemos apenas em

quantos já estão beatificados ou canonizados” (6). E continua: “Gosto de ver a santidade no povo paciente de Deus: nos pais que criam os seus filhos com tanto amor, nos homens e mulheres que trabalham a fim de trazer o pão para casa, nos doentes, nas consagradas idosas que continuam a sorrir. Nesta constância de continuar a caminhar dia após dia, vejo a santidade da Igreja militante. Esta é muitas vezes a santidade ‘da porta do lado’, daqueles que vivem perto de nós e são um reflexo da presença de Deus, ou – por outras palavras – da ‘classe média da santidade’” (7)

Cada um de nós

O Papa deseja recordar a chamada “de cada um de nós” (10) à santidade, cada um no seu caminho. E de modos muito variados. “A propósito de tais formas distintas, quero assinalar que também o ‘gênio feminino’ se

manifesta em estilos femininos de santidade, indispensáveis para refletir a santidade de Deus neste mundo.

E precisamente em períodos nos quais as mulheres estiveram mais excluídas, o Espírito Santo suscitou santas, cujo fascínio provocou novos dinamismos espirituais e reformas importantes na Igreja. Podemos citar Santa Hildegarda de Bingen, Santa Brígida, Santa Catarina de Sena, Santa Teresa de Ávila ou Santa Teresa de Lisieux; mas interessa-me sobretudo lembrar tantas mulheres desconhecidas ou esquecidas que sustentaram e transformaram, cada uma a seu modo, famílias e comunidades com a força do seu testemunho” (12).

“Para ser santo, não é necessário ser bispo, sacerdote, religiosa ou religioso. Muitas vezes somos tentados a pensar que a santidade

esteja reservada apenas àqueles que têm possibilidade de se afastar das ocupações comuns, para dedicar muito tempo à oração. Não é assim. Todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, onde cada um se encontra. És uma consagrada ou um consagrado? Sei santo, vivendo com alegria a tua doação.

Estás casado? Sei santo, amando e cuidando do teu marido ou da tua esposa, como Cristo fez com a Igreja. És um trabalhador? Sei santo, cumprindo com honestidade e competência o teu trabalho ao serviço dos irmãos. És progenitor, avó ou avô? Sei santo, ensinando com paciência as crianças a seguirem Jesus. Estás investido em autoridade? Sei santo, lutando pelo bem comum e renunciando aos teus interesses pessoais" (14).

A santidade dos pequenos gestos

“Esta santidade, a que o Senhor te chama, irá crescendo com pequenos gestos. Por exemplo, uma senhora vai ao mercado fazer as compras, encontra uma vizinha, começam a falar e... surgem as críticas. Mas esta mulher diz para consigo: ‘Não! Não falarei mal de ninguém’. Isto é um passo rumo à santidade. Depois, em casa, o seu filho reclama a atenção dela para falar das suas fantasias e ela, embora cansada, senta-se ao seu lado e escuta com paciência e carinho. Trata-se doutra oferta que santifica. Ou então atravessa um momento de angústia, mas lembra-se do amor da Virgem Maria, pega no terço e reza com fé” (16).

Santidade e missão

“Para um cristão, não é possível imaginar a própria missão na terra, sem a conceber como um caminho de santidade, porque *esta é, na*

verdade, a vontade de Deus: a [nossa] santificação (1 Ts 4, 3). Cada santo é uma missão; é um projeto do Pai que visa refletir e encarnar, num momento determinado da história, um aspeto do Evangelho” (19). “Esta missão tem o seu sentido pleno em Cristo e só se comprehende a partir d’Ele. No fundo, a santidade é viver em união com Ele os mistérios da sua vida” (20). “O desígnio do Pai é Cristo, e nós n’Ele. Em última análise, é Cristo que ama em nós, porque a santidade ‘mais não é do que a caridade plenamente vivida’” (21).

Sem medo

O Papa Francisco repete várias vezes no documento que *não devemos temer*: “não tenhas medo da santidade. Não te tirará forças, nem vida nem alegria. Muito pelo contrário, porque chegarás a ser o que o Pai pensou quando te criou e serás fiel ao teu próprio ser.

Depender d'Ele liberta-nos das escravidões e leva-nos a reconhecer a nossa dignidade” (32).

Dois inimigos sutis

No segundo capítulo, o Santo Padre chama a atenção “para duas falsificações da santidade que poderiam extraviar-nos: o gnosticismo e o pelagianismo”. São formas de segurança doutrinária que dão origem “a um elitismo narcisista e autoritário, onde, em vez de evangelizar, se analisam e classificam os demais e, em vez de facilitar o acesso à graça, consomem-se as energias a controlar” (35). O Papa adverte que podemos encontrar estas atitudes dentro da própria Igreja “é típico dos gnósticos crer que eles, com as suas explicações, podem tornar perfeitamente compreensível toda a fé e todo o Evangelho” (39).

Deus é sempre uma surpresa

“Quando alguém tem resposta para todas as perguntas, demonstra que não está no bom caminho e é possível que seja um falso profeta, que usa a religião para seu benefício, ao serviço das próprias lucubrações psicológicas e mentais. Deus supera-nos infinitamente, é sempre uma surpresa e não somos nós que determinamos a circunstância histórica em que O encontramos, já que não dependem de nós o tempo, nem o lugar, nem a modalidade do encontro. Quem quer tudo claro e seguro, pretende dominar a transcendência de Deus” (42).

Não podemos confiar só em nossas forças

Os pelagianos são os que dão a impressão de que se pode tudo “com a vontade humana, como se esta fosse algo puro, perfeito, omnipotente, a que se acrescenta a graça. Pretende-se ignorar que ‘nem

todos podem tudo’, e que, nesta vida, as fragilidades humanas não são curadas, completamente e duma vez por todas, pela graça” (49). “A graça, precisamente porque supõe a nossa natureza, não nos transforma de repente em super-homens” (50).

A caridade no centro

O Papa conclui recordando que “existe uma hierarquia das virtudes” e que “no centro, está a caridade” (60). Ou, de um modo gráfico: “no meio da densa selva de preceitos e prescrições, Jesus abre uma brecha que permite vislumbrar dois rostos: o do Pai e o do irmão” (61).

As bem-aventuranças lidas nos dias de hoje

No terceiro capítulo, o Papa se refere às Bem-Aventuranças como “a carteira de identidade do cristão”, e oferece pautas para viver estas

recomendações de Jesus nos dias de hoje. " Nelas está delineado o rosto do Mestre, que somos chamados a deixar transparecer no dia-a-dia da nossa vida" (63).

- ***«Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu»***

“As riquezas não te dão segurança alguma. Mais ainda: quando o coração se sente rico, fica tão satisfeito de si mesmo que não tem espaço para a Palavra de Deus, para amar os irmãos” (68).

- ***«Felizes os mansos, porque possuirão a terra»***

“É uma frase forte, neste mundo que, desde o início, é um lugar de inimizade, onde se litiga por todo o lado, onde há ódio (...). Embora pareça impossível, Jesus propõe outro estilo: a mansidão” (71). E recorda aos cristãos que “Mesmo

quando alguém defende a sua fé e as suas convicções, deve fazê-lo com mansidão (cf. 1 Ped 3, 16), e os próprios adversários devem ser tratados com mansidão (cf. 2 Tm 2, 25). Na Igreja, erramos muitas vezes por não ter acolhido este apelo da Palavra divina” (73).

- ***«Felizes os que choram, porque serão consolados»***

“A pessoa que, vendo as coisas como realmente estão, se deixa trespassar pela aflição e chora no seu coração, é capaz de alcançar as profundezas da vida e ser autenticamente feliz” (76).

- ***«Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados»***

“A justiça, que Jesus propõe, não é como a que o mundo procura, uma justiça muitas vezes manchada por interesses mesquinhos, manipulada para um lado ou para outro. A

realidade mostra-nos como é fácil entrar nas súcias da corrupção, fazer parte dessa política diária do ‘dou para que me deem’, onde tudo é negócio” (78). “Buscar a justiça com fome e sede: isto é santidade”.

- **«*Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia*»**

“*O que quiserdes que vos façam os homens, fazei-o também a eles* (7, 12). O Catecismo lembra-nos que esta lei se deve aplicar ‘a todos os casos’” (80). “Dar e perdoar é tentar reproduzir na nossa vida um pequeno reflexo da perfeição de Deus, que dá e perdoa superabundantemente” (81).

- **«*Felizes os puros de coração, porque verão a Deus*»**

“Esta bem-aventurança diz respeito a quem tem um coração simples, puro, sem imundície, pois um coração que

sabe amar não deixa entrar na sua vida algo que atente contra esse amor, algo que o enfraqueça ou coloque em risco” (83).

- «*Felizes os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus*»

“Os pacíficos são fonte de paz, constroem paz e amizade social. Àqueles que cuidam de semear a paz por todo o lado, Jesus faz-lhes uma promessa maravilhosa: *serão chamados filhos de Deus* (Mt 5, 9). Aos discípulos, pedia-lhes que, ao chegar a uma casa, dissessem: *a paz esteja nesta casa!* (Lc 10, 5) (...). E na nossa comunidade, se alguma vez tivermos dúvidas acerca do que se deve fazer, *procuremos aquilo que leva à paz* (Rm 14, 19)” (88).

- «*Felizes os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino do Céu*»

“Se não queremos afundar numa obscura mediocridade, não pretendamos uma vida cômoda”, recomenda-nos o Papa (90). “Para viver o Evangelho, não podemos esperar que tudo à nossa volta seja favorável” (91). Mas por outro lado esclarece que “um santo não é uma pessoa excêntrica, distante, que se torna insuportável pela sua vaidade, negativismo e ressentimento. Não eram assim os Apóstolos de Cristo. O livro dos Atos refere, com insistência, que eles gozavam da simpatia *de todo o povo* (2, 47; cf. 4, 21.33; 5, 13)” (93).

Uma regra de comportamento

“No capítulo 25 do Evangelho de Mateus (vv. 31-46), Jesus volta a deter-se numa destas bem-aventuranças: a que declara felizes os misericordiosos”. “O texto de Mateus 25, 35-36 ‘não é um mero convite à caridade, mas uma página

de cristologia que projeta um feixe de luz sobre o mistério de Cristo’.

Neste apelo a reconheçê-Lo nos pobres e atribulados, revela-se o próprio coração de Cristo, os seus sentimentos e as suas opções mais profundas, com os quais se procura configurar todo o santo” (96).

Cinco grandes manifestações de amor

No quarto capítulo, Francisco mostra algumas características “indispensáveis” da santidade no mundo atual, que constituem “cinco grandes manifestações do amor a Deus e ao próximo, que considero particularmente importantes devido a alguns riscos e limites da cultura de hoje” (111). Começa com “suportação, paciência e mansidão”. Recomendando estas virtudes, constata como “é impressionante como, às vezes, pretendendo defender outros mandamentos, se

ignora completamente o oitavo: *não levantar falsos testemunhos* e destrói-se sem piedade a imagem alheia”.

O Papa recomenda a humildade, explicando que “uma pessoa, precisamente porque está liberta do egocentrismo, pode ter a coragem de discutir amavelmente, reclamar justiça ou defender os fracos diante dos poderosos, mesmo que isso traga consequências negativas para a sua imagem” (119).

Alegria e Bom humor

O Santo Padre esclarece: “O que ficou dito até agora não implica um espírito retraído, tristonho, amargo, melancólico ou um perfil sumido, sem energia. O santo é capaz de viver com alegria e sentido de humor. Sem perder o realismo, ilumina os outros com um espírito positivo e rico de esperança” e cita São Tomás de Aquino: “do amor de caridade, segue-se necessariamente a alegria. Pois

quem ama sempre se alegra na união com o amado. (...) Daí que a consequência da caridade seja a alegria” (Summa Theologiae, I-II, q. 70, a. 3.).

Audácia e fervor

O Papa explica a palavra grega *parresia*: “é ousadia, é impulso evangelizador que deixa uma marca neste mundo” (129). “Olhemos para Jesus! A sua entranhada compaixão não era algo que O ensimesmava, não era uma compaixão paralisadora, tímida ou envergonhada, como sucede muitas vezes conosco. Era exatamente o contrário: era uma compaixão que O impelia fortemente a sair de Si mesmo a fim de anunciar, mandar em missão, enviar a curar e libertar” (131).

“Deus é sempre novidade, que nos impele a partir sem cessar e a mover-nos para ir mais além do conhecido,

rumo às periferias e aos confins. Leva-nos aonde se encontra a humanidade mais ferida e aonde os seres humanos, sob a aparência da superficialidade e do conformismo, continuam à procura de resposta para a questão do sentido da vida. **Deus não tem medo!** Não tem medo! Ultrapassa sempre os nossos esquemas e não Lhe metem medo as periferias. Ele próprio Se fez periferia (cf. Flp 2, 6-8; Jo 1, 14). Por isso, se ousarmos ir às periferias, lá O encontraremos: Ele já estará lá. Jesus antecipa-se a nós no coração daquele irmão, na sua carne ferida, na sua vida oprimida, na sua alma sombria. Ele já está lá” (135).

A importância da comunidade

O Papa recordou a importância da ajuda recíproca dos cristãos, mencionando comunidades que foram canonizadas juntas, grupos de mártires, e “de igual modo, há muitos

casais santos, onde cada cônjuge foi um instrumento para a santificação do outro” (141). Depois ressaltou que esta vida comunitária “compõe-se de tantos pequenos detalhes diários. Assim acontecia na comunidade santa formada por Jesus, Maria e José” (143).

Oração e adoração

“Por fim, mesmo que pareça óbvio, lembremos que a santidade é feita de abertura habitual à transcendência, que se expressa na oração e na adoração” (147). E pergunta a cada um se tem “momentos em que você se coloca na Sua presença em silêncio, permanece com Ele sem pressa, e se deixa olhar por Ele?” (151).

A Luta contra o mal

Ao início do quinto e último capítulo, o Papa lembra que a vida cristã é “uma luta permanente” (158). “É

também uma luta constante contra o demônio, que é o príncipe do mal” (159). “De fato, quando Jesus nos deixou a oração do Pai-Nosso, quis que a concluíssemos pedindo ao Pai que nos livrasse do Maligno. A expressão usada não se refere ao mal em abstrato; a sua tradução mais precisa é ‘o Maligno’. Indica um ser pessoal que nos atormenta. Jesus ensinou-nos a pedir cada dia esta libertação para que o seu poder não nos domine” (160).

O discernimento

Para “saber se algo vem do Espírito Santo ou se deriva do espírito do mundo e do espírito maligno” (166), o único caminho é discernimento. “O discernimento não é necessário apenas em momentos extraordinários, quando temos de resolver problemas graves ou quando se deve tomar uma decisão crucial; mas é um instrumento de

luta, para seguir melhor o Senhor. É-nos sempre útil, para sermos capazes de reconhecer os tempos de Deus e a sua graça” (169).

Sempre

“Quando perscrutamos na presença de Deus os caminhos da vida, não há espaços que fiquem excluídos. Em todos os aspetos da existência, podemos continuar a crescer e dar algo mais a Deus, mesmo naqueles em que experimentamos as dificuldades mais fortes”. “Aquele que pede tudo, também dá tudo, e não quer entrar em nós para mutilar ou enfraquecer, mas para levar à perfeição” (175).

A figura de Maria

“Desejo coroar estas reflexões com a figura de Maria, porque Ela viveu como ninguém as bem-aventuranças de Jesus” (176). “Espero que estas páginas sejam úteis para que toda a

Igreja se dedique a promover o desejo da santidade. Peçamos ao Espírito Santo que infunda em nós um desejo intenso de ser santos para a maior glória de Deus” (177).

pdf | Documento gerado automaticamente de <https://opusdei.org/pt-br/article/gaudete-et-exsultate-nova-exortacao-apostolica-do-papa-francisco/> (12/01/2026)